ANO 1.º LISBOA--TERÇA-FEIRA, 17 DE JANEIRO DE 1922 N.º 243

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIROA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 116

PASSA hoje o primeiro aniversario da declaração da gréve dos trabalhadores da imprensa que tão ruidosamente se assinalou. Prolongou-se por mais de três meses. No fim, observou-se que havia mais vencidos que vencedores. Como o tempo faz esquecer as más lembranças, os lutadores de então rememoram agora o que no seu gesto houve de generoso e forte. As horas de febre que viveram serviram ao menos para estreitar alguns laços de camaradagem que muito hão-de durar ainda.

* * *

A ELEIÇÃO, nos dois circulos de Lisboa, assume agora uma importancia especial, porque nunca os republicanos admitiram que os monarquicos lhes disputassem com exito os favores do eleitorado. Está em jogo a consciencia do regime e a sua honra—dissenos ontem um homem que, apesar de modesto, acreditou convictamente na Republica.

Vamos vêr como os partidos salvaguardam uma e outra.

* * *

VOLTA a falar-se no *raid* aereo Lisboa-Rio de Janeiro, embora sejam contraditorias as noticias ácerca da sua realização. Esperamos que o perigo nativista não se torne um embaraço. Os aviadores portugueses que, desamarrando de Portugal, voarem sobre o Rio de Janeiro alcançarão um triunfo tão grande que todo o Brasil os aclamará.

* * *

O *Morning Post* ocupa-se de Portugal, em termos tão proximos da verdade que nos surpreendem. Ainda que nós não gostemos de conhecer a nossa situação por intervenção de estranhos, ás vezes sentimos com isso um prazer tão vivo que julgamos tratar-se dum romance.

* * *

A TUBERCULOSE pulmonar é a doença que mais vitimas faz em Lisboa. Apesar disso, Lisboa vive, como se tal se não désse. As suas alegrias, diurnas e nocturnas, encobrem fundas tristezas que o fado aproveita para algumas horas de bohemia dolorosa—laivos de sangue em redondilhas.

* * *

SEGUNDO uma estatistica agora publicada, não é nas freguesias onde ha mais casamentos que ha mais nascimentos. Ha muito tempo que isso se sabia. O amor, que é um sentimento delicado, não gosta de reconhecer obrigações. E' por isso que ele dá origem a tanto drama.

* * *

CAUSA má impressão no publico, a maneira como alguns soldados se conduzem nas ruas da capital, não respeitando a farda que vestem nem receando intrometer-se com quem passa, com modos bastante ordinarios.

* * *

CONSTA que o capitão sr. Lobo da Costa que estava exercendo as funções de governador civil de Leiria, a pedido insistente dos partidos democratico e liberal e que não teddo filiação partidaria apoiava o governo do sr. Cunha Leal, entregou hoje no Ministerio do Interior um requerimento pedindo uma licença.

A obra dos puros

Alguns republicanos em quem a mocidade persiste, num clarão de idealismo que não morre, veem há dias celebrando umas reuniões, a fim de que, perante o proximo acto eleitoral, a alma republicana de Lisboa possa orientar-se por um conjunto de principios, altos e imaculaveis, afirmados num manifesto de larga divulgação e substancia doutrinal.

Entre êles, o *Diario de Lisboa* conta amigos que sempre conheceu alheios a ambições mesquinhas, vivendo mais no culto das virtudes da democracia que no dos bens da fortuna. Nenhum dêles enriqueceu com a guerra e todos presam mais a dignidade do seu pensamento que qualquer dos humilhantes triunfos em que liquidam os arranjistas desta epoca, devorada por cubiças.

Onze anos de Republica não os desanimaram.

Das falencias e deficiencias dos homens ainda ganha mais fé inacessivel a duvidas e a crises de desfalecimento.

Dos governos pouco ou nada teem recebido.

O proprio povo nunca os destinguiu por uma estima ou afecto particular.

Porque aparecem, então, nesta hora turva, a animar os tibios e a convencer os descrentes?

E' que ninguem se resigna facilmente a assistir impassivel á corrupção dos artigos do seu credo: só os renegados aceitam, sem protesto nem revolta, que outros tripudiem sôbre o que entendem ser a verdade. Desgraçadamente, êste pudor vai-se perdendo.

Individuos que ensinaram a gente simples a crêr na Republica, apenas a viram implantada, cuidaram dos seus proveitos e lucros, deixando no olvido a poesia da propaganda.

Os doutrinarios fizeram-se argentarios. Velhos pelintras, encanecidos na arte de pedir e implorar, com as prosperidades dos negocios, tornaram-se insolentes e irritantes.

São estas especies nefastas que os republicanos doutrinarios, fieis á razão e á liberdade, veem agora denunciar como indignas de qualquer simpatia. A Republica será o que o povo dela fizer, mas o povo necessita de ser educado, para não ser vitima de mentiras e intrigas.

Porque o abandonaram os politicos, nos momentos felizes?

Porque o procuram de novo, quando a adversidade lhes bate á porta?

MACARRÃO A PESO DE OURO

— Minha mãe manda pedir meio quilo de macarronete.
— Pregunta á tua mãe se é para comer ou se é para fazer um «pendantif».

UM comerciante cubano, o sr. Morris, declarou ontem, nas colunas do *Diario de Noticias*, que o seu país vai suprimir a legação que mantinha em Lisboa, por não se dar a reciprocidade.

É possivel que não se ligue ao assunto uma grande importancia, visto que as nossas preocupações andam sempre por cima das coisas serias. Acontece, porém, que actualmente é de Cuba que nos vem muito tabaco e açucar, começando tambem a florescente republica a tornar-se um excelente mercado para os nossos produtos.

A ultima reforma do Ministerio dos Negocios Estrangeiros criava em Havana um consulado geral que seria conjuntamente uma encarregatura de negocios. Como acaba de ser decidida em conselho de ministros a sua suspensão, segue-se que Cuba retirará de vez o seu representante, a não ser que o sr. dr. Julio Dantas descubra meio rapido e eficaz de impedir que tal se faça.

* * *

NO proximo domingo, o partido socialista realizará uma importante reunião de propaganda eleitoral, no teatro Nacional. A nota curiosa dessa assembleia será dada pelo facto de usar da palavra o sr. dr. Amancio de Alpoim, que durante o periodo sidonista acompanhou o sr. dr. Egas Moniz na sua acção politica, tendo-se desde então mantido completamente alheio á marcha dos negocios publicos. O acontecimento é interpretado, nos meios politicos, como uma semi-adesão do brilhante advogado ao partido socialista. A adesão, completa, não demorará muito, tomando principalmente em atenção o facto de o sr. dr. Amancio de Alpoim ser colega de escritorio do sr. dr. Ramada Curto...

* * *

O SR. Carvalho Santos, chefe do gabinete do ministro do Interior, apresenta-se como candidato independente por Viseu, não tendo ligações com elementos *outubristas* ou qualquer outra corrente de opinião.

* * *

O partido reconstituinte procura fazer um acordo com os democraticos, liberais e socialistas, para a organização de uma lista comum, que disputará as maiorias em Lisboa. Atendendo a que vão muito adeantados os trabalhos eleitorais dos agrupamentos que acima enumeramos, duvidamos do bom exito de tal tentativa.

* * *

MAURA retirou o seu pedido de demissão. O mesmo se passou, entre nós, com Cunha Leal. As juntas militares, em Espanha, e os partidos, em Portugal, terão alguma coisa de comum?

* * *

HA quarenta dias que se encontra preso no governo civil, sem culpa formada, o sr. dr. Guilherme Valente, de Vouzela. Como se explica um tamanho atropelo á lei?

* * *

ENCETOU a sua publicação—*O Rebate* que se apresenta como pertencendo ás omissões do P. R. P.

Magazine

O substituto

Um grande jornalista francês que há um ano se encontrava em Dublin trabalhando para dois diarios de Paris, mostrou-se de tal forma identificado com as aspirações dos «sinn-feiners», que estes passaram a considerá-lo como um dos seus maiores amigos. Assistia ás reuniões e muitas vezes teve de fugir, perseguido como os outros pelas forças da Coroa, a saida duma reunião.

Um dia, em que voltava duma reunião secreta com Fitz-Gerald, o ministro da propaganda irlandesa, e em que lado a lado iam conversando, com a mão no guiador da bicicleta, prontos a saltarem nela e a fugirem ao mais leve ruido suspeito, o jornalista reparou que Fitz-Gerald tinha uma fisionomia alegre e despreocupada, ao contrario de outros dias.

—Que tem v.?, preguntou-lhe. Parece que se libertou de grandes cuidados...

—E' certo. Sinto-me feliz de ter encontrado um substituto.

E como o jornalista se mostrou admirado, cuidando que ele ia renunciar ao seu perigoso lugar de honra e de combate, Fitz Gerald esclareceu:

—Fico no meu lugar; mas como os meus dias estão contados e tenho a cabeça posta a premio, tenho grande alegria em ter encontrado alguem que póde continuar a minha obra com o mesmo ardor e a mesma fé com que eu a principiei.

A má profecia de Fitz Gerald não se cumpriu. Hoje ocupa um dos primeiros lugares no Estado Livre de Irlanda, mas as suas palavras ficaram para a Historia.

Racine na Russia

Apesar da fome, da peste, da oposição dos outros países e de todos os males que caíram sobre a desventurada Russia, de quando em quando vem-nos de lá uma noticia lembrando que a Arte não sossobrou naquele cáos.

Isadora Duncau trocou a capital da elegancia — Paris — por Moscou, a capital dos barbaros... E não pouco descontente. Não volta, mas comunica de longe em longe que está contente com os pequeninos a quem vai ensinando a arte divina do ritmo da posição e do movimento. Agora diz-nos que inventara uma nova dança, a «Marcha Slava».

Dizem-nos tambem que Recine vae ser em breve representada no teatro da Camara de Petrogrado, com a «Phedra» na tradução do poeta Brussof.

Cinema Condes

As estreias da semana

A *matinée* elegante de hoje no Condes assinala-se pela estreia de uma grandiosa comedia-drama *Burladores burlados*, magistral interpretação da graciosa actriz americana Clara Kimball, continuando em pleno sucesso as interessantes comedias *O Geranio Vermelho*, *O amor vence o medo*, etc. No genero *magazine* dá-nos tambem o Condes um admiravel *Passeio pelo Nilo*, o rio sagrado do velho Egito, e uma interessantissima reconstituição das velhas *Danças gregas*.

Terça-feira sensacional estreia do mais colossal *film* de aventuras dos ultimos tempos, *Os misterios do Oriente*, ou *A soberana do Mundo*, que serve para a estreia em Portugal da grande actriz alemã Mia May, e no proximo sabado novo concerto de arte em que o distinto professor Flaviano Rodrigues executará um sólo de violino.

Sonetos

O «Diario de Lisboa» publicou ontem dois sonetos da sr.ª D. Deolinda Ferreira de Almeida e a revisão deturpou o nome desta distinta poetisa chamando-lhe Deolinda Tavares de Almeida.

A PROPOSITO DE UMA DATA

Onde está o corpo de Molière?

A "Comédie Française" vai depôr uma palma sobre o tumulo do grande escritor

A quem se fará a homenagem: a Molière ou a La Fontaine?

Nem a Russia, a Russia demolidora, falta no concerto de nações que desavindas em quasi todas as coisas, se preocupam de festejar Molière, a quem já não chamamos grande, porque este é dos tais que dispensam adjectivos. E' Molière, sem mais nada e já tem de que se contentar, se bem que em vida e, mesmo depois de morto, lhe fossem regateadas as menores consolações com que é costume serem mimoseados os homens grandes, o suficiente para não fazerem sombra aos que desejam parece-lo.

Afinal Molière foi um bom demolidor, melhor talvez que o Lenine; de aí provém a simpatia que leva os maiores iconoclastas do mundo a festejar o seu nascimento. A superioridade de Molière está em que a revolução russa pretendeu destruir males que mais ou menos claramente continuam vivendo entre eles, e ressurgirão intensamente á medida que fôr adquirindo o seu equilibrio, adaptando-se apenas á nova situação, assim como aconteceu á Revolução Francesa, ao passo que Molière é o demolidor continuo dos vicios de todas as sociedades. O seu Avarento tanto póde viver no reinado Luís XIV, como sob a ditadura dum Lenine.

Não obstante estarmos a ser conduzidos pela filosofia do pernicioso raciocinio de que Molière deve ser mais festejado pelos revolucionarios que pelos conservadores—já a Revolução Francesa lhe quiz prestar grandes homenagens, como adiante contaremos—as homenagens da França devem ser maiores que as da Russia e a «Comédie Française» irá, em cortejo, depôr uma palma no tumulo do querido mestre.

E aqui é que está uma grande dificuldade: saber se em realidade vão depôr uma palma no tumulo de Molière.

Como se sabe, Molière morreu num tempo em que se conhecia com antecedencia quais os condenados ás penas eternas. Entre estes contavam-se os justiçados e os comediantes, que, mais desgraçados que aqueles diante do julgamento dos delegados de Deus, nem sequer mereciam ser confessados antes de morrerem. Por isso, Molière morreu sem sacramentos, apesar de terem sido chamados três sacerdotes para lhos administrarem, e foi enterrado fora da terra benta.

Molière foi enterrado em 1673 e, em 1695, La Fontaine, pertencendo tambem ao numero dos réprobos, foi enterrado proximo do mesmo sitio. Em 1792, mudados os tempos, os cidadãos Moreau e o abade Fleury exumaram os esqueletos dos dois grandes homens para lhes prestarem as homenagens que mereciam.

O Comité de Salvação Publica tomou a direcção dos festejos e determinou que os esqueletos fossem conduzidos para a Casa da Moeda, de onde sairiam em cortejo para o tumulo definitivo.

Neste tempo ainda Molière era mais pequeno que La Fontaine; a Revolução oferecia-lhe um caixão de pinho, e a La Fontaine, de carvalho. Dos proprios caixões deviam ser tirados copos, *por onde o povo bebesse patrioticamente á saude da Republica.* Assim diz o processo-verbal que da testemunho destas resoluções.

Ainda não era tempo de festejar dignamente o grande escritor; em virtude de certos acontecimentos, o projecto teve de ser posto de parte. Pensou-se em leva-los para o Panthéon, mas tambem isso se não pôde realizar, e os dois esqueletos que haviam sido exumados ao mesmo tempo e guardados juntos, foram repostos ao acaso, nos primitivos caixões, e guardados numa capela até 1817.

Foi neste ano que, sem o cuidado de os identificar, os restos dos dois grandes homens foram levados em triunfo ao «Père Lachaise», onde repousam ao lado um do outro em dois tumulos parecidos.

A «Comédie Française» vai depôr uma palma no tumulo de «Molière»? Quem lhe diz que não é o de La Fontaine?

Ha já quem diga que o melhor seria levar uma palma a cada um.

De resto, Molière, apesar de fazer anos, não julgaria o companheiro de tantas aventuras indigno de o acompanhar nessa nova homenagem.

Carmen Marques

Mundanismo

Aniversários

Fazem ámanhã anos as senhoras:

D. Maria do Patrocinio de Barros Lima e Almeida, D. Maria Carlota da Cunha Reis, D. Maria Sofia Ferreira Veloso e D. Isabel Maria Amaral Cabral Parreira.

E os srs.:

D. Miguel de Melo de Assis Mascarenhas (Sabugal e Obidos), dr. José Maria Posser de Andrade, Luís de Lemos da Silveira Viana, André Manuel Walden Supardo, Augusto Caiola da Mota, Luís Pinto Leite, Joaquim Marques de Freitas, Antonio Belard da Fonseca, Antonio Baptista de Moura e Henrique Vaz de Andrade Castanheira.

Casamentos

Efectua-se ámanhã o casamento da senhora D. Aurora de Jesus Cabral, filha do sr. José de Azevedo Cabral, comerciante, e da senhora D. Maria de Jesus Cabral, com o sr. Adelino Pires Rodrigues, tambem comerciante, filho do sr. Filipe Rodrigues e da senhora D. Maria Teresa Rodrigues.

Pontos de reunião

Em S. Carlos

Assistencia elegante á 4.ª récita de assinatura extraordinaria, na qual se cantou pela primeira vez a opera «Fausto»:

Madame Viscovich, marquesa de Avila e Bolama, condessas de Santar, de Alto Mearim e filha, de Castelo Mendo e de Ficalho, viscondessa dos Olivaes e filha, D. Eugenia de Ornelas Bruges de Oliveira, D. Carlota da Cunha da Camara e filha, D. Alice Schroeter de Oliveira Pires e filha, D. Eponina Mackee, D. Deolinda da Fonseca, D. Beatriz de Lencastre, D. Maria Tereza Pressler Pinheiro Chagas e filhas, D. Ermelinda Bon de Sousa da Mota Marques, D. Maria de Sande Aires de Campos (Ameal), D. Ana Moreira de Carvalho, D. Angela Pinto Leite Carvajal (Jimenes e Molins), D. Fernanda Bettencourt Moreira de Carvalho, D. Alice Danin Lobo Santos Moreira, D. Maria do Carmo da Camara de Castelo Branco (Pombeiro), D. Aurora de Albuquerque de Eça Leal, D. Maria Tereza de Lima Mayer de Magalhães, D. Maria Fernandes de Aguiar, D. Maria Benedicta de Brito da Rocha e Melo, D. Maria Leonor Correia Ferreira Roquete, D. Luisa Portocarrero da Mota Ferreira Cardoso, D. Palmira Diogo da Silva de Sommer, D. Maria José de Barros Belmarço, D. Stella Navarro de Andrade Belmarço da Costa Santos, D. Alice Carneiro Mota Rebelo, D. Clotilde Bon de Sousa Carneiro.

D. Maria Emilia Homem Machado Mendes de Almeida, D. Maria da Conceição Homem Machado Pizarro de Sampaio e Melo, D. Izabel Ortigão Burnay Mendes de Almeida Belo, D. Maria Bruno de Heredia, D. Maria Margarida da Mota Marques Soares Leite, D. Beatriz de Sousa e Faro de Aguiar, D. Eliza da Cunha Viana, «madame» Roma Machado e filha, D. Maria Constança de Roma Machado de Paiva Raposo, D. Julieta Vaz Berneaud Alves, D. Maria Rosalina Pluto Coelho Perestrelo de Matos, D. Georgina de Mendonça, D. Maria da Conceição de Eça Leal Abecassis, D. Maria Amelia de Sande Aires de Campos de Barros Menezes Moreira, D. Rosa Barros de Morais, D. Maria de Castro Cid, D. Elizabet Pressler, D. Maria Perry Vidal Marques da Costa e filha, D. Maria Margarida Bon de Sousa Roxo da Mota Marques, D. Maria Gomes de Abreu Baptista, D. Bela James Esteves da Fonseca, D. Marta Aires de Magalhães, «madame» Belard da Fonseca e filha, D. Claudina Vieira da Silva de Campos, D. Rosa e D. Maria Satrustigui de Padilla, D. Luiza de Sá Pais do Amaral (Anadia), D. Ana e D. Maria Luiza Falcão de Sommer, D. Maria de Lancastre (Louzã), D. Hortense Costa, D. Octavia de Freitas Branco Sassetti, D. Maria Teles, D. Ana e D. Maria Francisca Teles da Silva (Tarouca), D. Ester Pinto Levy, D. Maria Sofia Bleck de Lancastre (Louzã), D. Carlota Correia de Sá (Asseca), D. Andrelina Santos Moreira, D. Maria Sofia de Campos Henriques de Almeida (Pinhel), D. Maria de Mendonça, «miss» Nabel Petter, D. Margarida Moutela, D. Laura de Campos, D. Virginia Luiza Cardoso, «mademoiselle» Stromp, etc.

NACIONAL Telefone C. 2049
Hoje --- ás 21
A peça consagrada pelo publico e pela critica — Exito inconfundivel
O Centenario
A'manhã — RECITA DA MODA
Tri-centenario de Molière
Espectaculo classico — Um acto de apresentação com leitura de versos e uma conferencia por André Brun — «As Sabichonas» e «O Burgêus Fidalgo», dois actos pelos artistas da teatro — Um acto do «Medico á força», pela companhia Cremilda de Oliveira - Chaby Pinheiro.

— HOJE —
TEATRO APOLO
É O LEVAS!...
Grande sucesso!
Bilhetes á venda para a festa artistica de Justina de Magalhães e para as que se lhe seguem no APOLO.

NUCLEOCALCINA
TONICO RACIONAL E SCIENTIFICO
Superior aos similares estrangeiros e nacionais
Usado pessoalmente pelos nossos primeiros medicos
CURA A Tuberculose, Anemia, Falta de forças e de apetite
Farmacia Formosinho
18 — Praça dos Restauradores — 18

JANEIRO
17
TERÇA-FEIRA
1922
quadro novo do
TIC-TAC
SUCESSO LOUCO
EDEN-TEATRO
2 SESSÕES 2

POLITEAMA
Telef. C. 1028 A's 21,15
HOJE — Ultimo espectaculo com a peça de extraordinario sucesso
Z A' Z A'
Admiravel interpretação de Lucilia Simões
AMANHÃ — Recita extraordinaria — Festa de Lucinda Simões
Edificio de velhos e Visita de casamento
Domingo, 22 — 9.º concerto de assinatura pela
Orquestra Sinfonica de Lisboa
sob a regencia de FERNANDES FÃO

AVENIDA
Empreza e Companhia Satanela-Amarante
HOJE — ás 9 1|4
O TOUREADOR
de Andrian Ross musica de Ivan Clarilly
TRADUÇÃO
de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos
1.ª representação e reapareecimento da actriz
LUISA SATANELA

TEATRO CHIADO TERRASSE
Companhia LUZ VELOSO
Grandioso exito
HOJE
A comedia em 3 actos,
adaptação de André Brun
O JUÍS DE FORA

A ARTE NO EXTREMO ORIENTE

A HISTORIA DO TEATRO JAPONÊS

A sua origem--As suas reformas
A sua linguagem--As suas obras

Um extracto da conferencia que o actor Carlos Abreu, da companhia Chaby Pinheiro, fez no salão nobre do teatro Nacional

Senhoras e senhores.—O teatro japonês emerge da lenda porque a sua forma embrionaria eram dansas sagradas, em tempos immemoriais no altar da Deusa Amanouzumeno-Mikoto, a Terpsychore da Terra do Sol Nascente. As dansas sacras da antiguidade foram evoluindo e a mais romota data que a Historia precisa para essas reformas não vai além do seculo XIII, quando padres budhistas introduziram nos ceremoniais cantos corais, casando a dansa sacra (uma meio pantomima chamada «Kagura») com assuntos historicos postos em verso.

Toda a civilização do Japão veio da China, através a Koréa, e, não será dificil imaginar que algum eco do Teatro Chinês tenha influenciado as transições desses cultos, operadas ainda por padres budhistas sob o patrocinio do sabio Shogun Yoshimasa.

Foram estas sucessivas reformas que produziram finalmente o «Nogei», a primeira forma verdadeiramente teatral que irrompeu no Japão.

O «Nogei» partiu da dansa sacra, sendo considerados os seus fundadores, Kiyotsugu, que morreu em 1406, e seu filho Motokiyo, morto em 1455.

O «Nogei» é e drama lirico japonês e a sua profunda semelhança com o teatro grego deu azo a que o erudito escritor norte-americano, Mr. J. C. Clarke avançasse a suposição de que quaisquer milenarios rituais asiaticos hajam gerado ambas as artes dramaticas quasi á japonesa, quasi á grega.

Entretanto, o teatro japonês só surgiu no seculo XIII, quando os colossos do teatro grego estavam sepultados no seu sono de seculos. De resto, mau grado a semelhança, é preciso não confundir um com outro. Os japoneses não têm tragedia nem comedia propriamente dita.

O «Nogei» ou o «No» — como depois foi denominado — com os seus cantos corais, retomando a acção quando os actores a deixam, com as suas dansas acompanhadas por «skamisen (bandurras) «Koto» (citaras) alaúdes, tambores, com o uso frequente de mascaras; declamações excessivamente contada, linguagem alcandorada e convencional, mesmo sendo ao ar livre, não é tragedia mas sim drama. Se ha actores que assemelham o teatro do «No» á tragedia grega, outros ha que o comparam á nossa opera. Nem uma nem outra coisa.

O repertorio do «Nogei» ou do «No» é hoje guardado como reliquia. O numero de peças não ultrapassa tresentas.

Os assuntos das peças—mais rapidas que as de hoje — eram meio profanos, meio religiosos. Lendas, de resto, ou factos historicos em que tomaram parte deuses, herois, guerreiros.

Como o moderno «grand-guignol», que é sempre acompanhado de uma comedia desopilante, o «No» apresentava, como intermedio para duas peças altamente dramaticas, uma farça chamada Kyoeen, o que significa «palavras loucas».

Este, o teatro mais que enfatico de antanho que hoje só é revivido por artistas, periodicamente, em poucas vezes. E', entretanto, cultuado pela alta aristocracia, passando os segredos da Arte de Representar, de pais a filhos, como se transmitem os preceitos nobres e os principios de honra. E' tradicional, e, conhecer a arte de representar e praticá-la, é no Japão, sinal de elevada cultura e de grandes dotes de espirito.

—Esse Teatro elevado—qual seja o «Nogei» ou o «No»—não era e não é ainda muito acessivel ao povo, devido em grande parte á linguagem. E de passagem, direi—senhoras e senhores—que ha varias classes no idioma japonês, mais marcados do que em qualquer outro europeu.

A linguagem empregada na côrte e na alta aristocracia é ininteligivel para qualquer plebeu. E ha maneiras polidas da palavra e da expressão que vão gradativamente de classe em classe até ao humilde trabalhador.

Por sua vez, a linguagem deste é tida por grosseira, inconveniente nos circulos elevados.

...Ora, o «No» não era o Teatro do povo. Era preciso inventar outro.

Mas esse outro Teatro não foi inventado, nem imitado foi ao do Ocidente.

Nasceu do acaso, de um lindo acaso e tão belamente, que não resisto á tentação de lhes contar a deliciosa historia, absolutamente veridica, que eu fui encontrar em um livro de Leofcadio Hearn:

A protagonista chama-se Õ-Kuni. A acção em Izumo, no seculo XVI.

Õ-Kuni era uma formosissima sacerdotiza do grande templo Shintoista de Kitsuki. Nagoya Sanza é o nome de um fanfarrão matamouros que lhe ronda o templo, sem descanço, perdido de amor. Fala á linda sacerdotiza de aventuras, de viagens... Fascina-se Õ-Kuni e fogem os dois para Kyóto.

Nesses tempos não se ia a Kyóto em algumas horas. Ia-se em liteiras, digamos, ou a pé. Eram 10, 15 dias de viagem. No caminho, a extraordinaria beleza de Õ-Kuni inflama o coração de outro ferrabraz...

...Sanza, enlouquecido pelo ciume, puxa de uma adaga e degola-o. Mas a visão do degolado persegue a sacerdotiza atrozmente.

Em Kióto, para afugentar o remorso cruel, Õ-Kuni executa a dança sagrada sobre o leito sêco do rio.

A extranha aparição daquela linda mulher, em noites brancas de luar, a roupagem de neve a boiar ao vento, os cabelos soltos, dançando a extranha dança... faz acudir a multidão. E toda a noite a fantastica aparição se repete para o extase e embevecimento do povoléu curioso e supersticioso...

...Mas é preciso sustentar-se e ao amante assassino. Então, no espirito de Õ-Kuni gera-se a ideia de tirar partido das suas dansas, que tanto arrebatam o povo. Ela é uma excelente poetiza. Compõe ela mesmo o entremês que fará para o publico. Por esse tempo surgia em Kióto a diversão ambulante dos Marionettes e Õ-Kuni trata de imitar esses processos, ou antes, reproduz a rigidez, a fixidez do fantoche mudo. Vai buscar ao «No» a forma basica e improvisa o seu Teatro. Construe sobre o leito seco do rio, onde antas executava as suas danças, um estrado comunicando com o auditorio por uma ponte á esquerda do espectador.

Essa ponte, que ainda hoje é adoptada em todos os teatros do Japão, tinha e tem o poetico nome de «caminho florido» («hanamichi»).

O seu teatro era chamado «Õ-Kuni Kabuki» («Kabuki» significa «gracejo» ou «zombaria») e como Õ-Kuni o levantára sobre o rio, os actores e as actrizes dos tempos feudais eram conhecidos por «gente ou bando das margens do rio»; e, «Shibai» ou «assente no prado», tornando-se a designação popular para o Drama, uma forma de divertimento publico para ser apreciado sobre a relva, segundo a interpretação de Massajiro Honda, o grande critico dramatico de Tokyo.

Passados tempos, Õ-Kuni e Sanza vão a Yeddo (Tokyo) apresentando ali o seu original «Kabuki». O sucesso é enorme. Mas, morrendo Sanza, que se tornára um actor de fama, Õ-Kuni vê-se obrigada a regressar a Kitsuki, de onde ela, anos atraz, saira embriagada de amor e de ilusões.

A tristeza apossa-se da linda sacerdotiza... A visão fatal do decapitado persegue-a... E para apagar o negro recordar, Õ-kuni faz-se freira e constroe um Templo, onde eleva continuas preces por alma daquele que se perdera pela sua formosura. Õ-Kuni faz as suas preces e ensina, no Templo Sagrado, a Arte de Representar. Surgem então as discipulas que mais tarde vão a Kyoto, a Yeddo, conquistar glorias para a arte do «Kabuki».

Ainda há cincoenta anos estava de pé o Templo, mas agora nada mais resta do que uma estatua mutilada do deus Jizõ.

A familia há vinte anos ainda vivia em Kitsuki e até á ultima revolução tinha uma parte nos lucros do teatro local, em razão da fundadora da arte do «Kabuki», a sacerdotiza Õ-kuni, de rara beleza...

—Assim nasceu o «Kabuki», ou, por outras palavras, o teatro japonês de hoje, explica Carlos Abreu.

Cita a seguir as tormentas porque atravessa o teatro para vencer os escrupulos proprios do feudalismo, o decreto oficial, em 1629, proibindo que os papeis de mulher fossem interpretados por actrizes, a remoção das casas de espectaculo para um arrabalde longinquo da capital. Descreve, a proposito, esse bairro pitoresco de Tokio, cognominado o Bairro do Prazer.

Depois desta digressão, Carlos Abreu volta a falar das vicissitudes e das reformas do teatro, aludindo á excomunhão que em 1652 desaba sobre os actores do «Kabuki». Por ordem do «Shogun» ou «Governador», são eles obrigados a raspar o topete e a usar uma coifa de purpura.

E, como os tonsurados, deixavam crescer, ao alto da cabeça, um nó ou mecha de cabelo que era denominada «Yaro-atama», a arte dos actores passa a chamar-se «yaro-kabuki».

Gravuras do museu de «Ueno-Park» mostram que em 1677 já havia teatro semelhante ao de hoje. Excepção feita do Imperial de Tokio, á moda europeia, os teatros japoneses são notavelmente extranhos. Á pórta vêem-se os anuncios em galhardetes que flutuam e coroas de flores, algumas em urnas, como nós usamos nos enterros. São flores que os admiradores oferecem aos artistas. Em redor estão as «Shibai-Chaya» (Casas de chá para o teatro) agencias de locação que fornecem tambem comestiveis, bebidas e cigarros. Porque os espectadores almoçam ou jantam no teatro. E que as peças são enormes, de 10, 12 e 14 e mais actos, indo ás vezes das 11 horas da manhã ás 10 da noite. E, quasi sempre, uma peça só. O estrangeiro deixa á entrada as suas botas como o japonês deixa as sandalias («ghetas»). Corredores e plateia são de «tatami», uma esteira fina e afofada. Não há cadeiras nem nos camarotes, com lotação para seis pessoas, nem na plateia. Há os «tabuton», almofadões confortaveis que em tempos idos, o espectador atirava á cara do artista para o palco, quando este lhe não agradava. Hoje, porém, os japoneses não *pateiam* desse modo silencioso nem de outro qualquer. Não pateiam nem dão palmas. Gritam o nome do autor quando se sentem emocionados e dão-lhe cognomes interessantes: N.º 1, Daimys, Presidente, etc.

Carlos Abreu apresenta o teatro japonês como sendo de convenção, de artificio, e essa, a sua feição mais interessante. Cita Bernard Shaw a proposito da eloquencia da imobilidade. Fala dos movimentos rigidos dos «marionettes» e explica que no teatro de hoje, o côro do antigo drama lirico foi restringido, quasi abolido pela sua inutilidade. Dantes, era preciso explicar ao espectador a acção da peça porque os fantoches eram mudos. Daí a razão de ser desse côro.

Narra as inovações praticadas por Margaret Severn, introduzindo com successo, a mascara na dansa e as tentativas de Gordon Craig para fazer o mesmo no terreno do teatro, associando ao uso da mascara as «poses», as atitudes dos «marionettes». Isto, em Inglaterra, claro.

No Japão, os artistas recorrem excepcionalmente a esses processos artificiais. E' mais frequente ver-se uma dessas scenas «à la Marionette» no teatro Historico (Jidaimono) e, rarissimo, no teatro de Costumes (Sewamono).

Os actores afivelam as mascaras e executam movimentos duros, de boneco. Ha golpes apenas esquissados, arremessos geometricos, no decorrer de uma luta. Nem um grito, nem uma palavra. Assim descreve o jornalista uma pitoresca scena «à la Marionette», tal como a sentiu e que representava o rapto de uma creança, na peça de Hirayama «O poeta sacerdote e a dansarina». Tomavam parte na representação, duas das maiores actrizes do Japão: Kikuye Kawamura e Namiko Hatsuse.

O conferente, depois de desenvolver os caracteristicos fundamentais do teatro Kabuki, a atitude, a mascara, a ponte ou caminho florido, discorre sobre a distancia que vai de uma a outra escola de representar: a europeia e a japonesa. De um lado, o Humanismo, a Simplicidade; do outro, o Convencionalismo, o Artificio. A' falta de peças humanas, a declamação é excessivamente cantada, principalmente no teatro Historico Japonês. Assim como na Arte de Pintura não se retrata a Natureza, no teatro não se retratam as paixões, os caracteres. Retratam-se os episodios da vida, no que eles tenham de mais impressionante. As peças não falam ao cerebro, á imaginação, mas á vista, sómente. São espectaculos dos olhos. O nosso teatro de acção é inadaptavel no Japão. A acção das peças niponicas é diluida, arrastada. Estas, porém, encerram grandes belezas.

Narra a seguir o enredo de uma das mais famosas: «Os 47 Ronin» ou «Os 47 vagabundos», facto absolutamente autentico e divulgadissimo. Não ha estrangeiro que vá ao Japão que lo desconheça e que deixe de prestar a sua homenagem, visitando os túmulos dos «47 Ronin» e do seu senhor Asano, em Sengakuji, um arrabalde de Tokio.

O facto é impressionante e é o melhor quadro do codigo de honra daquele tempo (seculo XVII). Vibra nessa espantosa tragedia, o estoicismo, a abnegação sublimada do povo japonês.

Alargando-se em considerações sobre as delicadissimas «nuances» que os artistas fazem realçar nos seus trabalhos, Carlos Abreu explica que esses detalhes, tão apreciados do publico, são apenas manchas impressionistas. O Kabuki está longe de se tornar uma arte realista. Está, pelo contrario, inçado de convenções. Por exemplo: O «Invisível» [illegible] pela scena acompanhando a [illegible], mas que nela não toma parte. Veste-se de negro, cobrindo o rosto com um véo. Remove as almofadas para os artistas, endireita-lhes o vestuario, sopra-lhes as falas (pois que não ha «ponto»), chega-lhes ao rosto um fóco de luz electrica quando a scena é escura, dá-lhes uma concha de chá ou de agua, nos momentos de sêde, etc.

Os «Invisíveis», dois, três, movem-se discretamente na scena e são o salvaterio do actor. O espectador habitua-se áquele intruso como se habitua ao som de um «clocq, clocq, clocq», qual seja o ruido de dois pedaços concavos de madeira forte, batendo um no outro. Serve para anunciar, abrir e fechar da cortina, como esse matraca irrompe ás vezes a meio de uma scena empolgante, a fim de formar o ambiente e fazer convergir para o palco toda a atenção. Ha varias funções tambem para os musicos que acompanham os canticos e as dansas executadas na peça. Um rufo de tambor prestigia a presença de seres de um outro mundo. Aparecem, por vezes, em algumas peças, duendes, fantasmas, genios, etc. Ha acordes de «shamisen», de «Koto» com outras significações.

E quanto ás scenas dramaticas? No teatro «No», levantar a mão á altura da mascara significa lagrimas expontaneas. No «Kabuki», a mulher chora com a cabeça pendente ao passo que o homem ergue para o alto a cabeça.

E' impossivel seguir o conferente no emaranhado das varias escolas de representar que surgiram no Japão: «aragoto», «wagoto» e «jitsugoto» ou seja maneira romantica, jocosa e violenta de representar. Cita ainda as gerações dos celebres actores Danjuro. O 1.º Danjuro entendia que só um artista dotado de grande nariz e de grandes olhos tinha o direito de usar o seu nome. E' que os grandes artistas emprestavam o nome aureolado aos seus discipulos predilectos.

Voltando a falar dos segredos do «Kabuki», Carlos Abreu alude aos scenarios, á maquinaria. Descreve o palco cortado em circulo e provido de um eixo, eixo ou centro revolvente. Terminado um acto, move-se o palco carregando com actores e scenarios, sucedendo-se instantaneamente a nova scena que já estava armada por traz da primeira. São curiosas ficções para efeitos de perspectiva.

A finalisar a sua conferencia, Carlos Abreu fala no longo treno, na esmerada educação que requerem os actores japoneses: Dança, esgrima, «jui jitsu», a lucta «sumo», arte enfatica de dizer, cerimonias do «hara-kiri» (acto de rasgar o ventre), etc. Fala da nobre arte e do conceito em que é tido pelo publico que respeita e venera os artistas. São eles os guardas da linguagem para; que espelham deante das gerações, todas as grandes paginas da Historia; que revivem todas as obras primas dos mestres da Pintura, da Estatuaria, copiando gestos, atitudes, que acordam no povo os sentimentos de «Bushido» (cavalheirismo).

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Quadro intimo

A luz do candieiro, a pequenina sala
Tinha, na palidez leitosa das cortinas
E da parede clara, uns leves tons de opala
E em tudo essa harmonia ideal das coisas finas.

Em jarras de cristal desabrochavam rosas,
Dôcemente espalhando o seu arôma vago...
No ambiente flatuava e paro e brando afago
Das alegrias sãs, profundas, amorosas.

Na paz daquele ninho, os dois, em cada dia,
Passavam o risonho e placido serão.
Perto da larga mesa ele fumava e lia,
Ao tépido calor, suave, do fogão.

Serena, ela bordava, atenta ou distraida,
E quando o olhar dos dois, fulgindo, se cruzava,
Um sorriso feliz em ambos acordava
E acalmava belo o amor, a mocidade e a vida.

Deus, a familia, o lar...
Resumidos nos dois. Paraiso moderno,
Mas sempre Adão e Eva, o velho, o eterno par,
repetindo a canção do velho amor eterno!

Maria de Carvalho.

Terminou a greve do pessoal do Matadouro

Amanhã já haverá carne em Lisboa

Ficou hoje solucionado o conflito do pessoal do Matadouro, por virtude das negociações entaboladas entre o inspector sr. Godofredo dos Santos e o vereador do respectivo pelouro, sr. Joaquim Pratas. Os operarios terão um aumento de 30 por cento sobre os salarios de 1914.

Hoje fez-se matança apenas para os hospitais e só ámanhã se fará para o abastecimento da cidade, por se ter conseguido uma solução satisfatoria já depois das 13 horas.

50 ESCUDOS

para criancinhas pobres nossas protegidas

Uma senhora—que Lisboa, há poucos anos, aplaudiu vibrantemente, como artista que interpretava pela canção e pela expressão toda a beleza da alma espanhola—e de quem não podemos dizer o nome, pois que só nos permite que a tratemos por *une petite mère heureuse*—enviou-nos uma interessantissima carta, na qual, num elegante francês, que não é a sua lingua natal, conta a satisfação de ter visto salva da morte, depois de uma grave doença, uma sua filha, graciosa *bébé*, em nome da qual aquela *petite mère*, pela qual meia Lisboa se enebriou, nos envia cincoenta escudos, para crianças pobres.

Agradecemos á gentilissima senhora, e desejamos ao *bébé* um mundo de venturas.

Sociedade de Belas Artes do Porto

Foram eleitos para a nova direcção da Sociedade de Belas Artes do Porto os seguintes srs.: presidente, Antonio Teixeira Lopes; vice-presidente. Julio Ramos; 1.º secretario, dr. Aarão de Lacerda; 2.º secretario, Joaquim Lopes; tesoureiro, Luís Cunha; vogais, Antonio Azevedo, Antonio Costa e João Queiroz.

FESTAS ELEGANTES

Realiza-se hoje no Maxim's, na praça dos Restauradores, mais uma festa elegante. Começa a diversão por um jantar-concerto pela orquestra de tziganos que se tem tornado notavel. Segue-se uma brilhante «soirée» que será interrompida pela exibição de notaveis numeros de variedades por artistas estrangeiros. A'manhã é ali dia da moda.

IMPRESSÕES DE "AR LIVRE"

O mercado do Aterro por dentro e por fóra

NO LOGAR DA HORTALIÇA -- A DUQUEZA DA AZEITONA -- UM RAMO DE VIOLETAS POR 5 TOSTÕES!

O mercado do Aterro é o mais higienico de Lisboa. O seu cobertor é o céu, quer vente, quer neve; a sua parede mestra, o Tejo. Não tem correntes de ar. Ali é tudo ar livre. Apenas de espaço a espaço umas coberturas, que se não sabe de que são, fingem que a praça tem edificio proprio. Mas as grades e as portas são construidas em vigamento de ferro de hipotese . . .

E' um mercado livre. Livre na estrutura e nos preços—que se não compra mais barato na rua 24 de Julho, a despeito da ausencia de comodidades, do que na praça da Figueira. Compreende-se: o mercado do Aterro tem as suas tradições e as suas «linhagens»—apodrecidas pela acção diaria da agua...

E' um mercado original. Lembra um grande «bric-à-brac». Mas as hortaliças, as frutas e as proprias flôres que ali se vendem não são, como a principio se supõe olhando de repente o conjunto, objectos antigos. E' tudo moderno, viçoso, fresquinho... Se a casa não tem tecto, nem portas!...

* * *

Dez horas em S. Paulo. A Baixa de áquem Terreiro do Paço, estropeada do domingo, acorda em sobressalto e começa a dirigir-se, de olhos tumidos, para o mercado do Aterro, Traz um andar espreguiçado e uma cara de muito poucos amigos. Folgou ontem. Parece que ainda vem da romaria.

Fujamos de ao pé do peixe. O peixe só cheira bem no prato. E as varinas estão exaltadissimas. Porque este dia carrancudo, este dia de cara suja, lhes encarvoeirou a alma? Não sei. O que sei é que se não pode permanecer ao pé delas. Estão a falar um português «vernaculo» de mais para um país tão pequeno...

* * *

Junto deste logar de hortaliça está-se muito melhor. A dona, toda arremangada, toda ancha, exibe três dentes de ouro quasi colocados no logar que lhes compete, cinco cordões do mesmo metal enroscados no pescoço e não sei quantos aneis a mais do que dedos.

Uma velhota apreçou uma couve, uma cenoura, algumas ninharias mais para fabricar uma sôpa:

—Seis tostões!

—Mas eu só tenho cinco tostões!—articulou lamentosamente a pobresita.

—O' tiasinha, é ir tratar da vida! Os bancos hoje estão abertos!

—Ai! Quando virá a vida para mais barata!...

—Olhe. Peça a Nossa Senhora que lhe mande outro terremoto!

E num arremesso, emquanto a velhita se afasta desalentada:

—Tenho um azar ás beatas!

* * *

—A senhora, com esse chapelinho de janota, não se envergonha de oferecer um cruzado pela couve?

—E já é bem paga.

—Se não pode comprar diga lá a quem a sustenta que lhe dê dinheiro para comer em vez de lhe dar vestidos.

Uma varina, de grande gala:

—Quanto custa a couve, Maria?

—Seis tostões, para ti.

—Toma. Queres vir matar o bicho?

* * *

Mais adiante um sujeito rotundo, bem ajuizado, dá-se á faina de escolher apressadamente hortaliças e frutas que vai amontoando em cestos. Quando termina a tarefa, despede-se da «dona da casa»:

— Mande-me então isto já. Até ámanhã!

— Até ámanhã, sr. Nascimento.

Um homem que compra á farta, sem regatear!

E' o gerente do hotel X — dizem-me do lado.

Ah! Está certo. Quem paga são os hospedes.

* * *

Mas o que vejo? Não córes! Não baixes os olhos! Não córes! Não te escondas! E's tu! Bem te conheço. Recordas-te de ter dansado comigo ha quinze dias num baile particular? E recordas-te de me teres dito que eras filha de um advogado? E estás aí a vender azeitonas! Sossega que eu não direi nada ás tuas amigas de sala nem aos meus amigos de trazer por casa. A eles posso dizer. E's rica e essa nobreza te basta para arranjares um duque muito mais autentico do que eu... A duquesa da Azeitona. Ah! Ah!...

* * *

Uma sopeira a valer. Um cabo da G. N. R. — idem. Uma hortaliceira, idem, idem.

O cabo: — Naturalmente sou transferido para o Castelo.

A sopeira: — Quinze tostões! E quanto hei-de eu dizer á patroa que custou isto?

A hortaliceira: — Diga-lhe a verdade!

A sopeira: — A verdade? Vocemecê julga que o meu cabo se sustenta de rancho?!

A hortaliceira (gentilissima): — Quem é que a manda sustentar burros a pão de ló?

O cabo:—Se «bomecê» se põe para aí a ofuscar a descendencia de cada um, rapo da catana e faço-a andar pela esquerda em linha!

* * *

Aquela dama fez muitas compras. Tem convidados hoje, jantar de festa. Três cestos carregados de comestiveis. A criada já não dá conta do recado. Recorre-se á intervenção de um Ramon:

—Quanto quer por ajudar a levar isto ao Calhariz?

O homem mede os volumes, faz calculos naturalmente ao que os generos custaram e responde placidamente:

—A «Xenhora» dá quatro «mál» réis!

Espanto:

—O' homem, mas é só para ajudar a levar!

—Bem sei. Se calhar, por esse preço queria que eu ficasse lá em casa!

* * *

—Este ramo de violetas? E' para mim, minha flôr!

—Cinco tostões. Para si e para toda a gente.

Compro. E' barato. No fim dos fins, no mercado do Aterro, joalharia de luxo do reino vegetal, ainda se compra por uma bagatela um molho de lagrimas...

Sarmento Duque

Coliseu dos Recreios Telef. C. 4196
HOJE--ás 20,45 (8 3/4)
O maior e mais extraordinario sucesso da actualidade
A melhor e mais completa
COMPANHIA DE CIRCO
que tem vindo a Portugal
Assombrosas novidades Emocionantes trabalhos

Os Teatros

Atrás do reposteiro

A récita de gala, de ámanhã, no Nacional, é absolutamente oficial, visto que, nesse sentido, foi hoje publicada uma portaria no «Diario do Governo». Na grande tribuna assiste o sr. Presidente da Republica, com os seus oficiais ás ordens e secretarios e, nos demais camarotes, o ministerio, corpo diplomatico, presidente e vereadores da Camara Municipal, presidente do Supremo Tribunal de Justiça, comandante da divisão, governador civil, funcionarios de alta categoria, etc.

—Chegou ontem a Lisboa a companhia Palmira Bastos, que deve embarcar para as ilhas no proximo dia 20, seguindo logo para Ponta Delgada. O teatro do Funchal está-lhe assegurado, segundo carta recebida pelo actor Jorge Grave, e por diligencia do sr. Gomes de Sousa, director do «Comercio da Madeira».

—Realiza-se ámanhã, no Politeama, a récita da ilustre actriz Lucinda Simões, com as «premières» das peças «Idilio de velhos» e «Visita de casamento», esta ultima desempenhada por Lucilia, Erico, Maria Côrte Real, Rosa Cêrca, Calazans e Castanheira.

—A carteira com 500 escudos, que foi oferecida a Nascimento Fernandes na noite da sua festa, foi lembrança do emprezario sr. Diamantino Delgado, que nessa noite ofereceu tambem uma ceia a 20 convidados.

—Encontram-se já em Lisboa os artistas Cremilda de Oliveira, que vem tomar parte na récita de Molière, e o actor Artur Duarte, que esteve no Porto «filmando» para a Invicta.

—Se a companhia da actriz Piérat vier a Lisboa, conforme se espera, em começos de março, a do Nacional irá dar, nessa altura, uma curta série de espectaculos em Coimbra ou no Porto.

—O actor Erico Braga declarou-nos que não fez sequer convite á actriz Izilda de Vasconcelos, para ir ao Brasil, na companhia Lucilia Simões. A proposito vem dizer que esta «tournée» está já organizada definitivamente, por esta fórma: Lucilia Simões, Lucinda Simões, Amelia Pereira, Maria Côrte Real, Georgina Cordeiro, Rosa Cêrca e uma rabulista; Erico Braga, Ribeiro Lopes, Mario Santos, Calazans, Julio Alves, um rabulista, contra-regra e ponto, constituindo ao todo 17 figuras.

—Parece que por proposta feita á empreza do Avenida Parque, vão realizar-se, a partir de domingo magro, várias diversões carnavalescas no antigo palacio Mayer.

—Estreia-se hoje, no Avenida, a opereta «O Toureador», desempenhada por toda a companhia Satanela-Amarante.

—Nos dias 26 e 30, respectivamente, realizam no Apolo as suas récitas, as actrizes Judit de Sousa e Dóra Vieira.

—Está sem contracto a actriz Carmen Martins.

—Na festa do secretario da empresa do teatro de S. Luís, que brevemente se deve realizar naquele teatro, entram diversos artistas do teatro de S. Carlos. A récita efectua-se já antes do Carnaval.

—E' de Alberto de Morais e de Mario Duarte o arranjo português da peça inglesa «Vingança Oriental» que se passa na China e que se representará no Poiteama em seguida ao Entrudo, sendo seus interpretes Lucilia Simões e Ribeiro Lopes.

RECLAMES

Nacional—«O Centenario», a encantadora peça dos Quintero, volta hoje a conquistar os aplausos entusiasticos do publico.

Eden—«O ano novo e o ano velho» é um dueto interessantissimo que José Morais e Deolinda Macedo cantam com brilho e sentimento no quadro novo da revista «Tic-Tac».

Politeama—E' hoje, irrevogavelmente, a ultima representação da «Zázá».

Apolo—Continuam tendo grande procura os bilhetes para as festas de Justina Magalhães, João Santos e Rosa Mateus.

CARTAZ

S. Carlos—A's 20,30—15.' recita de assinatura ordinaria. «Tristão e Isolda».
Nacional—A's 21—«O Centenario».
S. Luis—A's 21—«A Moreninha».
Politeama—A's 21,15—«Zázá»
Avenida—A's 21,30—«O Toureador».
Apolo—A's 21-15—«E' o levas...»
Chiado Terrasse—A's 21—«O Juiz de Fóra».
Eden-Teatro—A's 20,30 e 22,30—«Tic-Tac».
Salão Foz—A's 20,30 e 22,30—«Bichinha Gata...»
Coliseu dos Recreios—A's 20,45—Companhia de circo.
Gil Vicente (á Graça)—Aos domingos, segundas e quintas feiras—«O remorso».
Teatro dos Anjos—A's 20,30—Quintas, sabados e domingos—«O homem macaco».

Animatografos e variedades

Olimpia (Rua dos Condes).
Cinema Condes (Avenida da Liberdade).
Salão Central (Praça dos Restauradores).
Salão Ideal (Rua do Loreto).
Cine-Paris (Rua Ferreira Borges).
Salão da Promotora—(Ao Calvario)—Aos domingos, segundas, quintas e sabados—Animatografo.

Suicidio por envenenamento

No hotel Francfort, de Santa Justa, suicidou-se hoje por envenenamento o sr. João Jacinto Nunes Junior, que recolheu ao hospital de S. José, onde faleceu pouco depois.

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

A PINTORA DOS OLHOS LINDOS

EM QUE SE FALA DE UMA ARTISTA QUE COIMBRA CONHECE E ADMIROU

O "DIARIO DE LISBOA" conversa com a sr.ª D. Maria Eduarda Lapa Caldeira sobre os trabalhos que ela vai expôr na Sociedade de Belas Artes

D. Maria Eduarda Lapa de Sousa Caldeira—um nome extenso—que já foi a Coimbra mostrar a sua arte de pintura e que ha quatro anos a esta parte tem exposto algumas telas nos grandes *certames* de Barata Salgueiro, conversa com o jornalista, numa salinha modesta, cheia de telas que são suas e para as quais ela chama a nossa atenção.

Maria Caldeira abandonou um dia o liceu, o liceu de Coimbra, despiu a sua capa negra, deixou talvez de fazer sonetos, namorados do Mondego, e foi até ao Porto acolher-se sob a paleta e os conselhos de Artur Loureiro, o pai-gista sombrio do outono, da terra escura e das grandes arvores em humanas atitudes de sofrimento.

—Trabalhei muito. A' despedida dizia-me ele: volte para a primavera. Ha de ser alguem.

—E voltou?

—Não. A minha casa requeria o meu concurso. Comecei a dar lições na Figueira da Foz para me sustentar e sustentar os meus...

E' muito modesta, esta pintora a quem chamamos, *tout court* Maria Caldeira e a quem os estudantes de Coimbra chamaram *a pintora dos olhos lindos*. Os seus labios brincam num sorriso enganador, um pouco magoado e ferido já, na senda da arte.

—Os jornais por vezes têm-se referido a mim... Leia este!

E depois é outro, gazetas de Coimbra, uma Ilustração, uma carta de Antonio Arroio, de que ela gosta muito. A artista vai revelando os seus quadros. A sua primeira forma é a figura. O desenho é firme, um certo enternecimento de côr nas carnações femininas.

—Este pastel...

E' uma criança de cabelos encaracolados, um olhar que se aguça em malicia, naquela malicia inocente que têm certos anjos de Rafael. Na parede da frente, um retrato de mulher, de seio desnudado. E' tambem um pastel. E' um trabalho perfeito, vivo, em que a figura está de perfil, numa atmosfera podarrozada, delicada, galante.

E' este, sem duvida, o meu melhor trabalho, que não tarda em figurar na exposição das Belas Artes.

— Quem é?

— Minha irmã.

A primeira tela que Maria Caldeira nos mostra é muito sombria, deserta de sol, com arvores carrancudas que o inverno enegreceu. Não gostámos; encontrámos na tela muito Artur Loureiro e pouco do espirito de Maria Caldeira. Aparecem outras telas, Ha um caminho ladeado de relva, já com uma restea de sol, perspectiva clara sobre montanhas, que nos agrada mais.

Diz a artista explicando:

— Gosto muito da paizagem e o publico tambem. Portugal é, todo ele, uma paizagem beijada de sol.

Agora são os desenhos, as sanguineas, os carvões. Figuras bem lançadas, linhas masculas, ritmadas, traçadas mais por mão de mestre de que por dedos de mulher.

— Quero ir para a Beira, para Trancoso, que é a minha terra. Muitas vezes fecho a minha caixa de tintas e agarro no cavalete e vou até aos saloios. Mas não, não me sinto á vontade. Vejo sempre a cidade.

E baixando os olhos, a pintora dos olhos lindos, que são negros, vestidos de negro, confessa-nos francamente que quere ganhar dinheiro para tentar a excursão.

Maria Eduarda é uma artista com grande vontade de trabalhar — a primeira qualidade para vencer — justeza de côres na paleta, muita firmeza no desenho. Falta-lhe talvez arrojo, vida, na concepção.

Eis o que se nos oferece dizer sôbre a poetica *pintora dos olhos lindos*.

UM GRAVE ERRO DIPLOMATICO?

O ACORDO COMERCIAL COM A FRANÇA E OS PERIGOS DA SUA APLICAÇÃO

Como se garante a entrada dos nossos produtos coloniais em França?

O que pôde dizer ao "Diario de Lisboa" uma pessoa que anda ao corrente do que se passa nos bastidores da diplomacia

Foi nos corredores do Palacio das Necessidades, que desempenham, tambem, as funções de bastidores da diplomacia, que o jornalista tentou entrevistar um dos nossos diplomatas — impenetravel como uma esfinge.

— Fala-se de tratados . . . de comercio . . .

E o nosso diplomata.

—Sim . , Parece que há aí um acordo com a França, como sabe. Ela recebe-nos o contingente mensal de 5.000 hectolitros de vinhos generosos e nós deixamos de lhe aplicar a sobretaxa de 50 por cento imposta por um decreto Veiga Simões.

—E qual é a impressão dos tecnicos?

A esfinge encolheu os ombros. Mudez perfeita. Mudez diplomatica e lusitana.

Mas *alguem* nos pode dizer alguma coisa. X. é um dos nossos mais cultos comerciantes. Elegante no trajo, elegante na frase, é sempre um regalo ouvi-lo sobre estas coisas solenes do comercio internacional, que veste de *frack* e usa monoculo.

Da beleza do dia ás belezas da governança foi um passo. A palestra derivou, conduzida pelo jornalista, para o chamado acordo comercial com a França.

—Não conheço as bases dêsse acôrdo—objectou o nosso amigo.

Elucidámos com o pouco que sabiamos. X. abriu-se então em largas considerações, aqui e ali tocadas de uma leve tinta ironica, sôbre o alcance dêsse convenio e os perigos que dêle advêm.

—Esses 50 por cento sôbre a pauta a aplicar—base das negociações com a França—foram estabelecidos por um artigo do decreto Veiga Simões, que reformou o regimen aduaneiro para os países que aplicam sobretaxas de entreposto aos produtos coloniais. Era um bote directo á França—aqui se mostra que o nosso amigo X. sabe de esgrima—á França que estava onerando os nossos cacaus de forma a expulsá-los do seu mercado.

—A que se destinava, portanto, essa sobretaxa de represalia comercial?

— A obrigar a França a receber-nos os produtos colonais. Ir negociá-la sobre vinhos é logo o primeiro absurdo, pela manifesta impossibilidade de medir o paralelismo entre o que se dá e o que se recebe.

Pausa de X. Observação do jornalista. Seguem as considerações:

— A sobretaxa de entreposto é uma das bases da politica aduaneira francesa, a que a França não renunciará com facilidade. Daí o peso da sobretaxa Veiga Simões. E daí tambem, ao que se disse, pretender esse ex-ministro dos estrangeiros elidi-la com o artificio de pedir, nas suas negociações com a França, a isenção da sobretaxa «para os produtos oriundos de S. Tomé».

X detem-se por instantes a ordenar com a mais pura elegancia mental a marcha dos seus ideais. Depois prossegue:

—Ora a França, sentindo o peso dessa sobretaxa de 50 por cento, que começava a atacar violentamente alguns dos artigos que nos vende, aprestava-se já a negociar um tratado de comercio, com as garantias indispensaveis aos produtos que nos compra. O sr. Veiga Simões conseguiu assim reunir na sua mão armas de combate capazes de pôrem termo ás negociações que, com vexame evidente para nós, se vêm arrastando desde 1891.

«Porque se vai agora ceder a mais forte dessas armas em troca dum contingente de vinhos, embora de certo modo consideravel?

A pregunta ficou sem resposta da nosss parte. X continuou:

—Posso garantir-lhe absolutamente esta informação: Em fins de outubro ultimo, o ministerio do Comercio francês comunicava á nossa Camara de Comercio de Paris que o governo francês estava disposto a permitir, não só a livre entrada dos vinhos generosos portugueses, mas ainda a mandar fechar as fabricas de Cette, propriedade de potentados eleitorais, que inundavam a França de *Porto* e *Madeira* franceses. Mais: segundo comunicação do anterior ministro dos Estrangeiros a uma comissão que o procurou, êle em caso algum admitiria que o sistema de contingentes pudesse ser acaso objecto de negociações com a França. Como se vai agora aceitar uma convenção, *apenas* sobre tais bases?

Mais três preguntas sem resposta:

— Pois é assim tão urgente dar saída aos nossos vinhos generosos? Não obtiveram eles ainda ha pouco a garantia de entrada na Alemanha, de 50.000 hectolitros? E não é este quantitativo suficiente para descongestionar as existencias actuais forçando um preço remunerador?

— Mas então...

— Se continuassem a politica do anterior ministro dos estrangeiros, que eu segui de perto, dentro em pouco a França vêr-se-hia obrigada a assinar um tratado comnosco, sobre a base da livre entrada dos vinhos e de garantias para os nossos produtos coloniais. A melhor função do acordo com a Alemanha era essa justamente. Mas, ao que parece, ha quem tenha pressa de exportar vinhos para França, e não duvide aniquilar todo o nosso restante comercio com esse país...

— De forma que...

— Vamos protelar indefinidamente a assinatura de um tratado que a França, agora como nunca, antes ou depois, estava pronta a assinar. E vamos condenar os nossos cacaus a serem definitivamente expulsos desse mercado. Parece-lhe pouco?

X. disse-nos ainda que não negocia em cacaus. Fizemos outra pregunta — a ultima:

— Mas não deve a França ter igualmente interesse em chegar comnosco a um tratado de comercio definitivo?

X demora um pouco a resposta:

— A França, como boa negociadora, o que quere é separar-nos armas e anulá-las a pouco e pouco nos seus efeitos. Ora ninguem em politica comercial resolve problemas em detalhe. Fragmentar meios de acção é aniquilá-los. Resultado: quando ámanhã quizermos negociar, faltam-nos as pessoas serias com que forçar o outro contraente a aceitar os nossos justos pontos de vista. Vamos perder uma ocasião unica de pôr termo, finalmente, a essas negociações, que desde 1891 se arrastam. E para quê? Para receber menos do que há dois meses espontaneamente nos ofereciam.

Noutro tom de voz:

— Isto agora não é para pôr no jornal. Lembra-se dum *suelto* da *Patria*, em que se dizia que as conferencias entre o ministro actual e o ministro da França eram apadrinhadas por um negociante de vinhos?

O jornalista lembra-se sempre daquilo que lhe recordam. X concluiu — isto tambem não era para vir no jornal:

— Esse acordo, se chegar ao final, é uma tragi-comedia em que aplaudem os exportadores de vinhos e o restante comercio de exportação vai patear a valer...

Um desastre a bordo

A bordo do vapor «Irene», surto no Tejo, deu-se hoje uma explosão de acetilene, ficando ferido o fogueiro Francisco Santos, que recebeu curativo no hospital.

NA SOCIEDADE DE BELAS ARTES

COMENTARIOS Á MARGEM DA CRITICA SOBRE UMA EXPOSIÇÃO DE PINTURA

ALGUNS TRABALHOS de Adriano Costa, Joaquim Costa, Albertino Guimarães, Alberto Lacerda, Fernando dos Santos e Leopoldo de Almeida

Seis pintores e um escultor, todos novos, todos ex-discipulos do mestre tal, reuniram-se e, sem cartaz, nem rotulo, afixaram a sua arte num daqueles salões de Barata Salgueiro, muito proprio para recolha de automoveis. Nomes: Adriano Costa, Joaquim Costa, Albertino Guimarães e Fernando dos Santos que são pintores. Leopoldo de Almeida, escultor pela Escola de Belas Artes e por Simões, sobrinho.

Adriano Costa tem onze quadros. Quasi todos são bons. Pintor apaixonado dos ceus tristes, campos que o inverno assola e devasta. Tem um belo *Fim de tarde*, onde por uma estrada caminham duas mulheres; ao longe o crepusculo, molhado de sombras e de chuva, ávança furtivo como um ladrão. A *Ria de Aveiro* é linda, matinal, tem côres de polpa de fruto maduro e carnudo. A tela é pequenina, com barcos a derivarem na corrente. Cada centimetro de pintura vale cinco minutos de contemplação. As *Salinas* ensanguentadas de sol, com pedaços de agua que a relva encobre, é um dos seus melhores quadros. Para nós é o terceiro pintor da exposição. Os outros dois? Adiante se verá.

Joaquim Costa, pintor que conhece a paleta de Columbano e o sentimento da sua alma. Dá-se todo nas telas, como um homem se entrega a uma mulher bonita. E' o artista recolhido dos conventos, dos Jeronimos, da Sé. Tudo interiores em que a luz se esbate, dulcifica, morre, com seintilações de ouro velho. *Pulpito*, *Portal*, *Interior*, tudo dos Jeronimos. Belas pinceladas, cuidadas, religiosas, em que o espirito cristão ganha em azas e em sonho. Porque se sonha, ao ver aquelas telas, ouviram? E as mãos entrelaçam-se e rezam. *Caridade*, que vale mais do que o conto e oitocentos que marca o catalogo, é uma figura de rosto macerado que subiu pela estrada da vida espalhando rosas. Das que conserva na mão, ainda frescas, palidas de branco, bem vegetais, só ha que dizer elogios. Tem outras telas em que o pintor se revela, contemplativo, esquecido da vida, sonhando num caminho da arte, muito belo, transviado do mundo. E' o segundo pintor da exposição. Mas será o primeiro? Para a nossa sensibilidade é; para o grande publico, amigo do sol, não.

Albertino Guimarães. Rudeza na paizagem, vestida de sombra; invernias; tardes baças; campos com lagrimas de chuva; ceus embrulados de nuvens. O seu melhor quadro é a *Trovoada*. Segue-se-lhe o *Dia de Chuva*. A sua maneira de ver a natureza chega a ser cruel, á força de realidade. E' duma tristeza esmagante, severa, opressiva. Não tem pontos de contacto com Joaquim Costa, como alguem disse. Num, a tristeza é suave, carinhosa, toda lirica; no outro, é corrosiva, dispepe mal. Tem mais quadros. O pintor esqueceu-se e fez a *Casa Vermelha*. Por inadvertencia talvez, revela-se aí discipulo de Carlos Reis.

Alberto de Lacerda é o peior da exposição. Tem doze quadros e só um é bom. Há um retrato dum senhor escultor, Andrade de nome—conhecem? —que deve andar nalgum especialista de doenças de olhos. Uma praia, pintada a drogas, onde o mar deu em droga. Que odio lhe deve ter o liquido elemento! Passemos adeante, a Fernando Santos que, segundo o publico amigo do sol, como já dissemos, é o que se apresenta melhor.

Fernando Santos — Tudo que tem é bom. Nem um senão, uma pincelada em falso. Namora o sol por debaixo das ramadas, junto ás portas fidalgas e nos jardins esquecidos onde o amor não morre na boca dos bambinos de pedra. *Peças Antigas* é um estudo

(Vêr continuação na 8.ª pagina)

Pinto & Sotto Mayor
BANQUEIROS

LISBOA — Rua do Ouro, 18, 24
PORTO — Praça da Liberdade, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO
BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

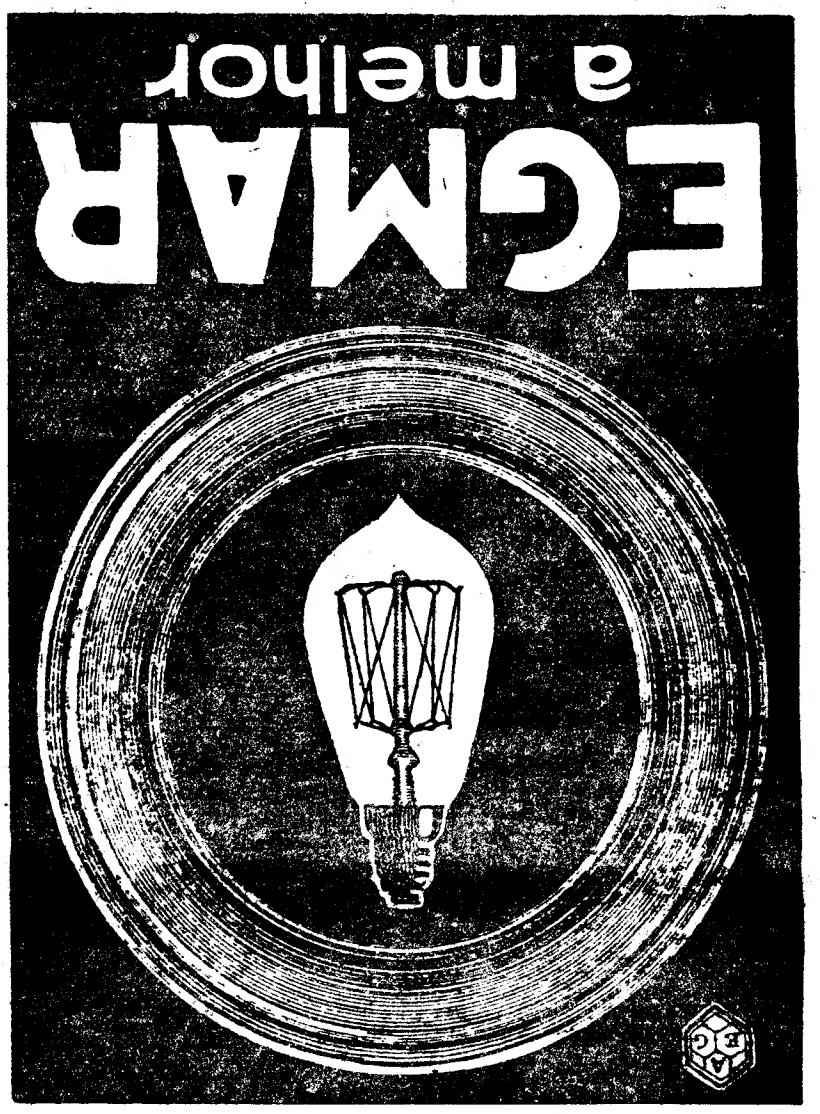
Operações financeiras—Fundos publicos nacionaes e estrangeiros

A Portuense
Companhia de Seguros
S. A. R. L.
FUNDADA EM 1902
Capital: Esc. . . . . 500.000$00
Realizado » . . . . 50.000$00
Fundo Reserva. . . 95.000$00
SEGUROS CONTRA
FOGO E MARITIMOS
Agente: M. COSTA DUARTE
Rua das Pedras Negras, 30-1.º
Telegramas:—COSDUARTE
Telef.:—C. 1799

S.I.C.
Os melhores chocolates, cacaus, bonbons e drops
Pedir sempre os chocolates
S. I. C.

SERVE DE "DIARIO DE LISBOA"
Rua Luz Soriano, 48

A mais economica
A de maior intensidade
Superior a todas as marcas

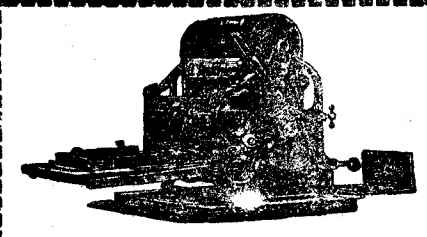


Depositarios:
Sociedade Luziana de Electricidade A. E. L.
Lisboa—Rua dos Fanqueiros, 12
Porto—Rua Sá da Bandeira, 209

Fonsecas, Santos & Vianna
BANQUEIROS
ESTABELECIDOS EM 1861
Rua do Comercio, 116 a 132
Telegramas: *SANVISE-LISBOA*

COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO
LLOYD BRAZILEIRO
Linha regular mensal de navegação entre Brasil e o norte da Europa

Para carga e passageiros trata-se com os agentes
Pinto & Sotto Mayor
R. do Ouro, 24
Telefone n.º 1227 C. — LISBOA



CADA ESCRITORIO precisa organização!!
CADA NEGOCIO precisa desenvolvimento!!
O DUPLICADOR
RAPIDO, LIMPO, SIMPLES
A. Gestetner
70 cópias por minuto
pode ser nos dois casos de imensa utilidade
Peçam detalhes á casa
— A. GESTETNER —
Rua da Conceição, 125, 4.º
LISBOA — Telefone C. 320 — LISBOA

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

UMA ENTREVISTA DO "DAILY MAIL"

As opiniões do presidente Poincaré ácêrca do acordo anglo-francês

"A França está dependente para a sua reconstrução e para a sua segurança da cooperação inglesa"

BERLIM, 17

Numa entrevista concedida ao «Daily Mail» o sr. Poincaré declarou-se disposto a discutir amigavelmente com o gabinete inglês as questões pendentes entre a França e a Alemanha. O sr. Poincaré disse estar seguro de que encontraria uma solução satisfatoria para ambos os paises. A França está dependente para a sua reconstrução e para a sua segurança nacional da cooperação inglesa, mas deve, comtudo, insistir na satisfação dos seus direitos baseados nos tratados, que devem ser respeitados. O sr. Poincaré deseja que o tratado de aliança anglo-francês seja aprovado antes de Março, mas deseja tambem que as propostas do sr. Lloyd George sejam modificadas para que a França não fique na situação duma nação protegida, ficando a Inglaterra em posição de nação protectora que fiscalizaria todas ás acções da França.—(U. P.)

Poincaré teria pensado numa nova guerra?

BERLIM, 17

O sr. Lausanne escreve no «Matin» que o sr. Poincaré declarou absurdo que se pense no pezadêlo de nova guerra, não havendo necessidade nem de guerra nem de mobilização para que a Alemanha, de joelhos, aceite a vontade francesa.

A imprensa alemã admira-se desta linguagem, não compreendendo como é que um povo que deseja viver em paz, no cumprimento dos tratados, póde ser obrigado a aceitar de joelhos a vontade de outra nação.—(U. P.)

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

Grande Café de Italia
DEJEUNERS
A' PRIX FIXE ET A' LA CARTE
Esmerado serviço de chá,
:-: chocolate e torradas :-:
Rua 1.º de Dezembro

TEATRO SALÃO FOZ
Empresa Artur Emauz
Companhia Otelo de Carvalho
Sucesso inegualavel em
DUAS SESSÕES
5 numeros novos
ampliando a imortal revista
Bichinha Gata...
com o GOMES (da Trindade), OTELO DE CARVALHO, LINA DEMOEL, JULIA DE ASSUNÇÃO e TINA COELHO
Novos fados
Os mais atraentes e economicos espectaculos

A RECONSTRUÇÃO DA RUSSIA

O plano administrativo de Lenine

A actual produção industrial atinge unicamente 10 % da de 1914

São necessarios 3.300:000 "rublos" mensais para uma familia de operarios viver mais que modestamente

Depois de uns poucos de anos de destruição sistematica, Lenine encetou a segunda parte do seu programa, sem a qual, breve, ele os seus principios e toda á Russia pereceriam: a de construir.

Ele proprio o diz num dos seus ultimos discursos de propaganda dos principios com que conta pôr novamente a Russia ao nivel das outras nações:

Até á primavera de 1921 estavamos em pleno periodo de destruição. Durante três anos não fizemos mais do que partir e destruir o passado, na intenção, é claro, de estabelecer um dia as bases duma nova politica economica. Foi na primavera de 1921 que deixámos de destruir e entrámos no caminho da reconstrução. Em primeiro logar era necessario constituir uma novo industria, administrada segundo os nossos principios.

Que acção tem desenvolvido Lenine nesse sentido?

A industria russa é administrada actualmente por um orgão central, o Conselho Economico Superior, que agrega em torno de si cêrca de cincoenta secções de produção e «comités» centrais. Só na secção metalurgica é que a direcção individual existe, nas grandes fabricas dirigidas por engenheiros.

Em tudo o mais predomina o sistema de administração colectiva.

Tanto o grupo central, como as secções são compostas de homens de todas as categorias de trabalho, desde engenheiros até operarios, empregados de carteira, representantes do partido comunista, especialistas, estudantes, etc. A diferença está na percentagem em que estes varios elementos entram na composição de cada um dos grupos administrativos; n'algumas secções o elemento operario chega a ser de 75 %, n'outras é apenas de 2,5 %.

Para tornarmos mais clara a composição dos quadros administrativos, damos a do grupo central:

Operarios	26 %
Directores-engenheiros	35 %
Empregados de carteira	15 %
» do Estado	4,4 %
Representantes do Part. Comunista	4,4 %
Especialistas	4 %
Escolares, estudantes	4 %
Profissões liberais	3,2 %
Cooperadores	2 %
Militares	2 %

Como já dissémos, o grupo central compõe-se de 199 membros, mas há grupos secundarios qne se compõem de alguns milhares.

Tal é o corpo de serviço com que Lenine conta reconstruir a Russia.

* * *

Ainda que a melhoria seja tão pequena que nem se nota fóra das regiões em que se dá, a situação da Russia não é hoje precisamente a mesma que a do principio do ano passado. A metalurgia, as minas, os texteis e as industrias quimicas atingiram em média 10 % da produção anterior á guerra.

Com efeito, as grandes fabricas metalurgicas da Sociedade Briansk, da antiga companhia Hantles, Stat, Saturno, Langue, etc., estão em plena actividade, retirando, segundo parece, 50 0|0 de rendimento. O «trust» do aço conseguiu pôr tambem a funcionar os grandes fornos, laminadores, fornos Mattin, das grandes fabricas metalurgicas Etronsk, Makénska e Souvozka.

Tambem foram postos a trabalhar seis grandes refinarias de assucar e duas outras vão começar a ser exploradas, todas na Podolia. Mas na Podolia ha, além dessas, mais cerca de sessenta refinarias, das quais se não sabe quando começarão a trabalhar.

A extracção de carvão, que em Março era de 34.200 milhões, desceu em Julho a 9,1 milhões. Os operarios fogem da região aterrados pela fome e as aguas começaram a inundar as minas. Depsis de tomadas certas medidas, a produção intensificou-se e em Setembro alcançava 18.300 milhões e em Outubro 33 milhões de pouds.

Muitos estabelecimentos e minas têm sido riscados do numero dos estabelecimentos administrados pelo Estado, e muitos outros o terão ainda.

O Estado quere conservar unicamente valores reais; os outros estabelecimentos são entregues á exploração particular ou permanecem fechados até serem concedidos.

Além disto o Estado empreendeu a formação de varios «trusts»: o da platina, do amianto, do canhamo.

A produção do aço e industrias quimicas tem aumentado sensivelmente. A impressão em Moscou, é que a industria do Urol renasce e poderá continuar desenvolvendo-se. Com efeito, para uma Russia totalmente arruinada, já é um principio uma produção da decima parte do seu periodo mais prospero.

Varias coisas importantes se opõem a que o progresso se realize tão rapidamente, como ás maquinas antiquadas de que dispõem e os estragos que o tempo e a falta de uso operaram nelas.

Sim, esse pequeno renascimento é alguma coisa, mas um operario ganha o maximo 138:215 rublos e na Russia o minimo de existencia para uma familia modesta de operarios é de 3.300:000 rublos, segundo os dados das associações.

Emfim, está á prova o novo sistema de produção dos «soviets», perante o sistema capitalista. O renascimento que se está dando deve ser um incentivo mais para os que estão desejosos de irem tentar fortuna á Russia, o novo Brasil da Europa, e isso é tambem um dos maiores desejos dos dirigentes da Russia.

STRANGERS' CASINO
MONTE ESTORIL — Avenida Saboya (antiga Vila São José)
PROJECTAM-SE GRANDIOSOS FESTEJOS CARNAVALESCOS
BAILE TODAS AS NOITES
QUINTETO ÁS 3.as, 5.as E SABADOS
TERCETO ÁS 2.as, 4.as, 6.as E DOMINGOS
DANCING-TEA ás 4.as e domingos
NOTAVEIS NUMEROS
— DE —
Variedades e films sensacionais
Brevemente novos atractivos

AINDA ECOS DA GRANDE GUERRA

As sentenças do tribunal de Leipzig contra os criminosos de guerra

A imprensa alemã protesta contra o facto da "Entente" querer julgar novamente os processos

BERLIM, 17

O pedido feito pela comissão especial de jurisconsultos que examinou as sentenças proferidas pelo tribunal de Leipzig contra os criminosos de guerra, solicitando que eles sejam submetidos a julgamento perante os tribunais da «Entente», foi unanimemente regeitado pela imprensa alemã, que diz esperar que o Supremo Conselho, melhor avisado, recusará a aprovação a tal medida. O «Vorwaerts» frisa que este pedido tem ainda uma maior importancia politica do que juridica. O «Deutsche Allgemeine Zeitung» diz que tal pedido pode prejudicar a cooperação entre vencedores e vencidos na reconstrução da Europa. Estabelecer-se-hia, se esse pedido fosse aprovado, um ambiente tal entre os partidos politicos e a população alemã que tornaria difícil uma futura reconciliação Europea. O «Daily-Express» mostra-se surpreendido por esta resolução dos jurisconsultos depois do governo ter declarado nos Comuns, ha alguns meses, que os processos de Leipzig decorriam de maneira satisfatoria. O «Daily Cronicle» diz que a satisfação desse pedido acarretaria inumeras dificuldades.— U. P.)

As imprensas alemã e inglesa e o governo Poincaré

BERLIM, 17

A imprensa alemã aponta o facto, que já se esperava, de tanto a imprensa inglesa como a italiana mostrar uma pequena mudança de atitude para com o novo gabinete presidido pelo sr. Poincaré.

A «Westminster Gazette» diz ser infundada a apreensão de que o sr. Poincaré descuidaria as relações com a Inglaterra. O «Times» diz esperar que o novo governo não se oporá ás medidas que fôr necessario tomar para a reconstrução da Europa,

O «Messagero Romano» diz ter confiança no respeito do sr. Poincaré pela solidariedade da Europa. O «Temps» pede á imprensa que tenha cuidado com os ataques contra as intenções do sr. Poincaré.—(R.)

Wilson e a Liga das Nações

Um singular aviso

WASHINGTON, 17

O antigo presidente Wilson discursando da janela da sua residencia para uma grande multidão que ali o foi cumprimentar, declarou de novo a sua confiança na vitalidade da Liga das Nações, e que se acautelassem aqueles que lhe são contrarios.—(R.)

TEATRO DE S. CARLOS
Sociedade do Teatro de S. Carlos, Limitada — Telef. C. 5063 — Hoje, terça-feira, ás 20 e meia h. — 15.ª recita ordinaria. — Ultima representação da opera de Wagner TRISTÃO e ISOLDA, pelos cantores Bland, Capuana Cesa Bianchi, Formichi e Griff, sob a direcção de Gui. — Amanhã, quarta-feira, ás 21 h. — 16.ª recita ordinaria; a opera de Massenet THAIS, em que tomam parte a primeira cantora da Opera de Paris, Mirelle Berthon, o baritono Formichi e os cantores Sturt, Conde, Prati e Griff, sob a direcção de Pedro Blanch.

OS MODERNOS ARTISTAS

NA SOCIEDADE DE BELAS ARTES

Comentarios á margem da critica sobre uma exposição de pintura

(Continuação da 5.ª pagina)

de ceramicas. Admiravel. As faianças têm côr, são portuguesas, sentem-se o Rato e o Pombal. A velha—que pena!—é um modelo contrafeito com um lenço de Alcobaça pelos ombros que se pressente pousar na meia luz do *atelier*.

Cruz da Tarde (Cascais): tarde purissima com o crepusculo a descer sôbre os cunhais das casas; ao alto uma vaga reminiscencia de sol que o mar reflete e o ar enternece num doirado brando. *Terras de fogo:* vermelhos, ruivos nas dunas vestidas de vegetação; em baixo, o mar em calmaria, duma côr de laguna morta. Sem ser por ordem, vê-se depois o *Recanto florido*, florido de sol, de rosas e de alegria. Bom. Etc., etc.; mais etc., etc. Tudo bom.

Guardámos para o fim o escultor sr.

Leopoldo d'Almeida—Este rapaz, que nós conhecemos muito bem, tem muita técnica, mas por desgraça dêle é muito academico, academico da Escola de Belas Artes e do sr. Simões, sobrinho. Não nos dá um trabalho de vulto, apesar de nos presentear a vista—entenda-se—com uma estatua que é fria e inexpressiva.

O gesso chama-se *Desilusão*. E' um estudo do nú de modelação correcta, onde a vida não palpita nem tem movimento. O *Negro* está bem. Tambem é coisa facil de fazer que dá sempre em escultura. Carapinha a mais ou a menos e... pronto. *Gigi*: busto de criança que sabe sorrir. O *Desejo* não tem desejo, tem uma vibora que se encaracola direita a um seio. E' uma especie de «raill», sem comboio. Não tem movimento. Leopoldo de Almeida tem duas coisas boas. Entre sete, duas já é alguma coisa. São elas: *Cristo no horto* e *Bachus*.

E por aqui ficamos. Em conjunto a exposição é boa. Falta-lhe simplesmente o carinho do publico. A's 13,30 na exposição figurava um individuo: eramos nós. Depois vieram dois expositores... E depois? Mais ninguem. Valerá a pena trabalhar para um publico assim?

A. P.

A questão dos electricos resolver-se-há finalmente?

Vai reunir uma assembleia de portadores de passes

A comissão delegada dos portadores de passes dos electricos voltou a avistar-se com o sr. Presidente do Ministerio, recebendo a impressão de que aquela questão será resolvida favoravelmente dentro em breve. A comissão vai convocar uma assembleia dos interessados, a fim de dar-lhes conta dos trabalhos realizados até agora.

Os democraticos da provincia e o directorio do P. R. P.

Não tendo querido o directorio do Partido Republicano Português tornar possivel o reingresso dos dissidentes de Guimarães, estes mantêm-se fóra daquele organismo politico, tendo a acompanhá-los na sua atitude o antigo deputado por aquele circulo, sr. dr. Lucio dos Santos.

CAMBIOS

DIA 17

	Comprador	Vendedor
Libra esterlina	62 000	64 000
Londres, cheque	4 3[illegible]	4 1[illegible]
» 90 d. v.	4 1[illegible]	
Rio Londres	7 5[illegible]	—
Paris	1[illegible]65	1[illegible]
Italia	[illegible]570	[illegible]587
Belgica	1[illegible]025	1[illegible]955
Suiça	28520	[illegible]
Espanha	1[illegible]	2[illegible]
Berlim	[illegible]071	[illegible]075
Holanda	[illegible]775	[illegible]913
Nova-York	12 955	13$380
Austria	$001	$003
T. Desc. Banco de Inglaterra	—	—
» » » Portugal	—	
Agio do ouro	1[illegible]	1[illegible]

5 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 5 HORAS DA TARDE

EM VESPERAS ELEITORAIS

Como vai a politica

Uma conversa do chefe do governo com o "Diario de Lisboa"

A lista da "conjunção" por Lisboa—A reunião dos governadores civis—Uma reunião misteriosa

Não ha boatos. Não tem havido boatos. Tudo se está reduzindo a formulas praticas, postas em acção pelo Presidente do Ministerio que nisto de politica vai direito ao seu objectivo, com uma rudeza, que é uma variante da sua lealdade.

—Se sim, sim . . . Se não, não . . .

As eleições continuam a preocupar muito pouco os politicos, que fazem o sufragio pelos velhos processos, impossiveis de se alterarem.

Numa reunião ha dez dias efectuada no Ministerio do Interior entre o sr. Cunha Leal e alguns extra-partidarios, e que teve certa solenidade, um dos presentes dizia, modestamente:

—Eu, sr. Presidente do Ministerio, de materia eleitoral só sei votar.

—Já é uma grande sabedoria, e eu tambem não vou além d'ela. De eleições quem percebe menos no Ministerio do Interior, sou eu.

E' certo. De modo que as aspirações do chefe do governo para que o eleitorado «simpatize» com certos candidatos que o governo vê com muito bons olhos—tem por esse país fóra encontrado reacção.

—Diga-me se lá pelo circulo tal do seu distrito posso fazer eleger, com a boa graça dos eleitores, um candidato que me convem... —preguntou o sr. Ministro do Interior ha dias a um governador civil.

—**Não, senhor. Por lá os monarquicos é que dão cartas. E depois os democraticos!**

—**Mas isso é definitivo?**

—Absolutamente.

E o governador, **não sabemos se já ex-governador, mostrou uma santissima passividade ante a aspiração governamental.**

Se este caso fôsse pano de amostra geral, que não é, vêr-se-hia a que ponto vai a incerteza no exito do ponto de vista do governo em materia de sufragio. De qualquer forma, o que fica acima é um apontamento sério.

A eleição por Lisboa... Mas os leitores têm visto os jornais da manhã e o que nós proprios, que blazonamos de bem informados, temos afirmado. Os monarquicos têm todas as probabilidades de levar sete deputados a S. Bento, dois pela minoria oriental e cinco pela maioria ocidental. Pelo menos...

Saír-lhes-hão os calculos furados? Mas são os democraticos, na sua teimosia, que denotam, apesar de tudo, certa isenção e confiança propria, que põem o governo ante a hipotese de uma derrota republicana em Lisboa.

Os intelectuais trabalham.

Mas—Deus do ceu!—isto de eleições não é para intelectuais. E' exactamente para quem apenas sabe escrever o seu nome...

Isto dizia alguem ha pouco naquela especie de Calvario politico, que é a escadaria soturna do Interior. Não será bem assim; em todo o caso, já um outro dizia que quando se chega ao fim do primeiro piso daquela escada e se quere ir direito ao *Interior* se deixa a *Instrução* á esquerda...

A reunião dos governadores civis é ás 17 e meia. Quando o leitor estiver a passar estas notas pela vista está o sr. Cunha Leal em frente dos dezasete governadores do país, dizendo, dizendo... o que é facil calcular que o chefe do governo diga:

—Eleições livres, maxima isenção, urnas fiscalizadas, cadeia com os prevaricadores. Em todo o caso, se fôr possivel favorecer sem prejudicar terceiros os nomes simpaticos ao ministerio do interior, cumpre fazê-lo...

—E se não fôr? —interrogará uma autoridade distrital.

—Ah! Se não fôr possivel, v. ex.ª demite-se, e eu procuro outro governador menos incompativel com as possibilidades...

O que se sabe, abstraindo hipoteses ligeiras, é que nalguns distritos o governo central e o governador local não estão muito integrados na politica eleitoral das realizações. Supômos mesmo que ha um distrito, Leiria, que não terá representante no conselho desta tarde.

—V. ex.ª vai á reunião?—preguntámos ha pouco ao sr. Lobo da Costa, governador de Leiria, e que consta já ter sido exonerado.

—Eu não posso ir. Pedi licença por algum tempo. Entréguei o distrito ao sr. secretario geral.

Não preguntámos o que teria havido.—Pode ser que o leitor dispense o que a gente lhe pode dizer.

Agora informações, com o nosso melhor ar formalizado. Entra em scena outro redactor, que sobe as escadas, entra para a sala do Conselho, se faz anunciar e é recebido gentilmente pelo sr. presidente do ministerio. O sr. Cunha Leal—é ainda muito cedo para os «habitués» do Interior—está apenas com o seu secretario, e lê interessadissimo «O Seculo».

—Você pode interrogar, que eu leio, prestando a ambos toda a atenção.

—Como vai a politica?

—Bem, muito obrigado. Não pode ir melhor. Os atritos que aparecem lima-os a boa vontade republicana de todos, mais resistencia, menos resistencia.

—Eleições então...

—A 29. Nem ha que discutir êste ponto.

—Houve alguma reunião importante esta noite?

—Se você sabe, informe-me. Eu devo ser informado pelos bons jornalistas.

—Mas, ouvimos que...

—Não houve reuniões nenhumas. Até folgo em registar que os boatos estão um pouco **comprometidos. De resto, cada um, ainda que seja chefe do governo, se pode encontrar com quem quizer.**

—**Muito bem. Eleições por Lisboa?...**

O sr. Cunha Leal, distraíu-se na leitura om pouco, e interrogou:

—O quê?

—Por Lisboa?

—Ha a lista democratica.

—Mas os intelectuais...

—Sim. Vejo com muita simpatia que um grupo de pessoas de boa mentalidade, e afastadas dos partidos, trabalham para uma lista de *conjunção republicana* por Lisboa.

—Quem são os que trabalham?

—Não sabe você outra cousa...

—Nomes: o Cortezão, o Aquilino, o Barros, o Gentil, o Lima, o João de Deus...

—E têm probabilidades de obter um voto?

Desviando a leitura do *Seculo* e passando-a para o *Noticias*:

—Bem vê. Somos um povo de ultimas impressões. A propaganda intensiva pode ser mais util do que a extensiva. A' ultima hora, cartazes, boa propaganda, um comicio... Repito que vejo com satisfação esses trabalhos.

—Tambem nós...

—Pois folgo com isso.

—Eleito o **parlamento, v. ex.ª demite-se?**

—Claro. **A minha função terá terminado.** O meu governo deixará de ser então, na exigencia que lhe imponho, um governo constitucional.

—O governo está seguro?

—Que pregunta... Nunca tive com os meus colegas de gabinete, nunca, um unico atrito. Estamos todos identificados, os dos partidos e os independentes. Diga-o com grande satisfação ao país. Só em três casos os assuntos dos conselhos de ministros não foram tirados por unanimidade. Nem nos governos partidarios seria possivel uma tão proficua identificação.

—Muito obrigado...

O Diario de Lisboa ficou sózinho com o sr. presidente do ministerio.

Mas já agora deixe o leitor que expliquemos o caso da reunião, cuja pregunta o nosso redactor formulou ao sr. Cunha Leal. E' que alguem muito de boa fonte nos disse, logo cedo, que o chefe do governo tivera uma interessante e levantada reunião com alguns elementos politicos militares, e da qual teriam resultado vantagens politicas para o governo e de ordem para o país.

Mas, pelos vistos, como se diz na cantiga de Coimbra, foi

Mentira, tudo mentira!

O DIARIO DE LISBOA vende-se em todos os quiosques e tabacarias.

A REUNIÃO DE "A VITORIA"

OS INTELECTUAIS DA POLITICA

A proposito de uma carta dos srs. Raul Proença e Aquilino Ribeiro

A proposito do artigo-entrevista que publicámos ontem e que aludia á reunião realizada em *A Victoria* por um grupo de intelectuais, enviaram-nos os srs. Raul Proença e Aquilino Ribeiro uma carta, na qual os signatarios elucidam não ser verdade que o dr. Francisco Gentil entre agora pela primeira vez na politica, e que tambem não pertence ao sr. Raul Proença a opinião de que «o parlamento deve ser constituido por duas correntes: a profissional e a politica».

Fazemos a rectificação absolutamente á vontade, não apenas porque lapsos de memoria, e aqueles são insignificantes, quaisquer *reporters* os tem, mas principalmente porque mantemos pelos signatarios e ha muito tempo uma grande consideração, assistindo nós com um grande interesse aos nobres esforços dos que assistiram á reunião aludida. Quanto á forma como o nosso redactor escreveu o artigo, confessando que qualquer outro redactor teria escrito diferentemente—pois cada um escreve da sua maneira—julgamos que ele não apresenta nem tem qualquer intuito desprimoroso para os entrevistados, como no-lo declarou lealmente o nosso camarada.

E agora uma rectificação da nossa banda: o titulo que saiu no artigo foi «os planos dos intelectuais da *provincia*». Devemos dizer que, apesar do titulo estar certo, pois as ilustres pessoas em reunião são provincianas de nascimento, o que nós escrevemos no original foi «os planos dos intelectuais da *politica*». Foi talvez esta gralha a culpada involuntaria da irritação que se nota na carta, que lamentavelmente não podemos publicar, dos dois ilustres escritores signatarios.

O 1.º aniversario da "grève" da imprensa

Um almoço de confraternização jornalistica

No restaurante Paris realizou-se, hoje, um almoço de confraternização dos jornalistas que tomaram parte na greve do ano passado, a proposito da passagem do seu primeiro aniversario. Os brindes foram iniciados por Walter Machado que lembrou o sacrificio realizado por muitos trabalhadores da imprensa, para manter o seu movimento. Ainda usaram da palavra os srs. Belo Redondo, Saude Junior, Safera da Costa, Lutero de Morais, Pinto Monteiro e Portugal Ribeiro. O nosso colega *Esculapio* propôs que, daqui a um ano se realize outro almoço, tendo Paulo Freire proferido o discurso seguinte:

Apesar de não ter sido grévista, veiu ali propositadamente saudar todos os seus camaradas numa simples manifestação de trabalhador da imprensa, cuja consciencia se encontra perfeitamente tranquila na certeza de, nunca, em vinte anos de jornalismo, ter prejudicado fôsse quem fôsse ou cometido, uma vez sequer, um acto de menos lealdade. Entende que, passada a grève, só uma coisa deve preocupar os jornalistas—a união e o progresso, em novas bases e nova orientação, da respectiva Associação de Classe.

Foram enviados telegramas de saudação aos srs. Plinio da Silva, Cesar dos Santos, Dias da Silva, dr. Ramos Preto e Jaime Valente.

Terminado o almoço todos os convivas se dirigiram para a fotografia Serra Ribeiro, onde se fotografaram em grupo.

A solução da carestia da vida e o sr. Antonio Cabreira

Está impresso, e vai ser distribuido a todos os socios da Academia de Ssiencias de Portugal, o trabalho do sr. dr. Antonio Cabreira ácerca das causas e soluções da carestia da vida, cuja discussão prosseguirá na proxima sessão.

A fiscalização dos vinhos

O sr. ministro da Agricultura assinou hoje um decreto modificando o regulamento sobre fiscalização de vinhos comuns, publicado pelo ex-ministro sr. dr. Antão de Carvalho.